

D O L O R E S
R E D O N D O



T U D O O Q U E
D A R E I A V O C Ê



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

D O L O R E S R E D O N D O



TUDO O QUE
DAREI A VOCÊ

Prêmio Planeta 2016

Tradução

Sandra Martha Dolinsky



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Dolores Redondo Meira, 2016
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky
Todos os direitos reservados.
Título original: *Todo esto te dará*
Publicado em acordo com Pontas Literary & Film Agency

Coordenação editorial: Franciane Batagin Ribeiro | FBatagin Editorial
Preparação: Luiza del Monaco
Revisão: Marianna Muzzi e Lígia Alves
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Adaptação de capa: Isabella Teixeira
Capa: Planeta Arte & Design
Imagem de capa: Cover Kitchen

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Redondo, Dolores

Tudo o que darei a você / Dolores Redondo ; tradução de Sandra Martha Dolinsky. – 1. ed. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
544 p.

ISBN 978-85-422-2751-2

Título original: *Todo esto de dará*

1. Ficção espanhola I. Título II. Dolinsky, Martha

24-2226

CDD 863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção espanhola



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SALVA-VIDAS

As batidas na porta soaram autoritárias. Foram oito golpes decididos e rápidos, de quem espera ser atendido com prontidão. O tipo de exigência que nunca poderia ser confundida com o chamado de um convidado, de um empregado ou de um entregador. Mais tarde, ele pensaria que, afinal de contas, é assim que se espera que a polícia bata na porta.

Durante alguns segundos ele observou, pensativo, o cursor piscante no final da última frase. A manhã estava rendendo, bem melhor que nas últimas três semanas, porque, embora odiasse admitir, escrevia mais à vontade quando estava sozinho em casa, trabalhando sem horários, livre das interrupções rotineiras para o almoço ou o jantar. Assim, simplesmente se deixava levar. Nessa fase da escrita as coisas costumavam correr sempre da mesma forma; *Sol de Tebas* estaria acabado em duas semanas, talvez antes, se tudo caminhasse como o esperado. E, até então, essa história seria a única coisa em sua vida, sua obsessão, aquilo que o ocuparia dia e noite, a única coisa em que pensaria. Ele havia passado por isso com cada um de seus livros, uma sensação ao mesmo tempo vital e demolidora, como uma imolação que ao mesmo tempo adorava e temia vivenciar. Um ato privado que, por experiência própria, ele sabia que não o transformava na melhor companhia durante esses dias. Levantou os olhos para espreitar rapidamente o corredor que separava a sala onde escrevia da porta de entrada, e depois voltou para o cursor, que parecia palpitar já carregado das palavras que tinha que escrever. Um enganoso silêncio se apoderou do lugar, criando por um instante a falsa esperança de que o intempestivo visitante tivesse desistido. Mas não; ele percebia a presença daquela energia imperativa e quieta do outro lado da porta. Olhou de novo para o cursor e levou as mãos ao teclado, decidido a terminar a frase.

Nos segundos que se seguiram, chegou inclusive a contemplar a possibilidade de ignorar as batidas na porta, que, insistentes, soavam novamente no pequeno vestíbulo.

Irritado – não tanto pela interrupção, mas pelas batidas indelicadas –, dirigiu-se à entrada e abriu a porta puxando a maçaneta com raiva enquanto murmurava um palavrão dirigido ao porteiro, a quem já advertira em mais de uma ocasião que não lhe agradava ser interrompido enquanto trabalhava.

Dois guardas civis, um homem e uma mulher, uniformizados, deram um passo atrás quando ele abriu a porta.

— Bom dia. Este é o domicílio de Álvaro Muñiz de Dávila? — perguntou o homem, consultando brevemente um cartãozinho que logo desapareceu em sua mão.

— Sim — respondeu Manuel, esquecendo imediatamente de sua irritação.

— O senhor é parente dele?

— Sou marido dele.

O guarda civil dirigiu um rápido olhar a sua parceira – um gesto que não passou despercebido por Manuel. Mas, àquela altura, sua paranoia natural já havia atingido níveis suficientes para diminuir a importância do gesto.

— Aconteceu alguma coisa com ele?

— Sou o segundo-tenente Castro, e esta é minha parceira, sargento Acosta. Podemos entrar? Conversaremos melhor aí dentro.

Ele era escritor, podia desenrolar aquela cena sem muito esforço; dois guardas civis uniformizados pedindo para conversar dentro de sua casa não podia ser sinal de boas notícias.

Manuel assentiu e se pôs de lado. No estreito vestíbulo, os guardas pareciam imensos com seus uniformes verdes e suas botas militares. Suas solas rangeram sobre o verniz escuro do assoalho como se fossem marinheiros bêbados tentando manter o equilíbrio no convés de um navio pequeno demais. Ele os guiou pelo corredor até a sala, onde se situava sua mesa de trabalho; mas, em vez de conduzi-los até o sofá, deteve-se bruscamente. Deu meia-volta, quase trombando com eles, e repetiu, obstinado:

— Aconteceu alguma coisa com ele?

Não era mais uma pergunta. Em algum momento entre a entrada e a sala, sua pergunta havia se transformado quase em uma súplica, uma retórica que sua mente repetia insistentemente: *Por favor, não; por favor, não; por favor, não*. E ele a repetia, mesmo estando certo de que sua rogativa de nada adiantaria. Não havia adiantado quando o câncer devorara sua irmã em apenas nove meses. Ela, febril e esgotada, mas determinada como sempre a lhe transmitir coragem, a consolá-lo e a cuidar dele, brincava, com o rosto já capturado pela morte, sepultado na maciez do travesseiro: “Vou demorar para ir embora deste mundo o mesmo tanto que demorei para chegar”. Mas ele continuou implorando, humilhado, a um poder superior e inútil, recitando a velha fórmula enquanto caminhava, arrastando os pés como um laçao servil até aquele escritório pequeno e quente, no qual o médico lhe dissera que sua irmã não passaria daquela noite. Não, não adiantava nada, mas, decidido a resistir, ele havia entrelaçado as mãos em muda súplica enquanto escutava as palavras, uma sentença inquestionável para a qual não se esperava a ligação de nenhum governador.

O segundo-tenente se distraiu; admirando a magnífica biblioteca que cobria por completo duas paredes da sala, dando uma olhada na mesa de trabalho de Manuel e depois pousando de novo os olhos nele.

— Talvez seja melhor o senhor se sentar — disse o guarda, fazendo um gesto indicando o sofá.

— Não quero me sentar, diga de uma vez — insistiu Manuel, logo percebendo que havia sido um pouco brusco. Então, para suavizar, deixou escapar um suspiro e acrescentou: — Por favor...

O guarda hesitou, constrangido, desviou o olhar para um ponto acima do ombro de Manuel e, antes de falar, mordeu o lábio superior.

— É sobre seu... seu...

— É sobre seu marido — interrompeu a mulher, assumindo o controle da situação enquanto notava de soslaio o alívio mal disfarçado de seu parceiro. — Lamento, mas temos más notícias. Sinto lhe comunicar que o senhor Álvaro Muñoz de Dávila sofreu um grave acidente de trânsito esta madrugada. Quando a ambulância chegou, ele já havia falecido. Meus sentimentos, senhor.

O rosto da sargento tinha um formato perfeitamente oval, acentuado pelo modo como seu cabelo estava preso, com um coque na nuca, do qual

já começavam a escapar alguns fios. Ele escutara perfeitamente: “Álvaro estava morto”. No entanto, durante alguns segundos, perdeu-se na serena beleza daquela mulher, de um modo tão absoluto que quase verbalizou a perturbadora percepção que ocupava por completo sua mente. Ela era muito bonita, embora parecesse não ter consciência da prodigiosa simetria de suas feições, o que a tornava ainda mais linda. Pensaria nisso mais tarde, agora estava impressionado com a maneira como seu cérebro havia encontrado uma saída de emergência na tentativa de salvar seu juízo. Deu-se conta de que havia passado alguns segundos refugiado nos traços requintados daquele rosto feminino, que, embora ele ainda não soubesse, constituía seu primeiro salva-vidas. Foram apenas alguns instantes, preciosos, mas insuficientes para impedir a avalanche de perguntas que já se formava em sua mente. No entanto, disse apenas:

— Álvaro?

A sargento o tomou pelo braço – mais tarde ele pensaria que ela o fizera do mesmo modo que se seguram os detidos – e o conduziu sem resistência até o sofá, empurrando levemente seu ombro para baixo e acomodando-se ao seu lado.

— O acidente aconteceu de madrugada. O carro perdeu a direção, ao que parece, em um trecho reto e com bastante visibilidade. Não parece haver outro veículo envolvido. E, segundo o que nos informaram os colegas de Monforte, tudo indica que ele deve ter adormecido ao volante.

Manuel a escutava com atenção, esforçando-se para captar os detalhes de sua explicação e tentando não ouvir o coro de vozes que gritava cada vez mais alto dentro de si: *Álvaro está morto; Álvaro está morto; Álvaro está morto.*

O lindo rosto da mulher já não era mais suficiente. De soslaio, ele via o segundo-tenente entretido, olhando os objetos que invadiam a superfície de sua mesa de trabalho. Um copo com restos de café e a colherinha repousando dentro dele; o convite para um prêmio literário de prestígio utilizado como descanso de copo; o celular com o qual havia falado com Álvaro umas horas antes e o cursor piscando ansioso no final da última linha que ele havia escrito naquela manhã em que pensara – pobre imbecil – que estava indo bem. Então, concluiu que já não importava, nada mais importava uma vez que Álvaro estava morto. E devia estar mesmo, porque aquela sargento

havia dito e o coro grego que se instalara em sua cabeça não parava de repetir em um crescendo ensurdecedor. Então, chegou o segundo salva-vidas:

— Espere, você disse Monforte? Mas isso fica em...

— Monforte, na província de Lugo. Foi a delegacia de lá que nos ligou, mas, na verdade, o acidente ocorreu em um pequeno município pertencente à região de Chantada.

— Então, não é Álvaro.

A firmeza de sua afirmação atraiu a atenção do segundo-tenente, que, perdendo o interesse nos objetos da mesa, voltou-se para Manuel desconcertado.

— Como?

— Não pode ser Álvaro. Meu marido foi anteontem à tarde para Barcelona para se reunir com um cliente. Ele trabalha com marketing empresarial. Trabalhou durante semanas em um projeto para um grupo hoteleiro catalão, planejaram várias ações promocionais, e hoje de manhã, bem cedo, tinha uma reunião para a apresentação do projeto. Portanto, é impossível que ele estivesse em Lugo na madrugada, deve ser um engano. Falei ontem à noite com ele, e só não falamos hoje de manhã porque, como eu disse, ele tinha uma reunião e eu não levanto cedo. Mas vou ligar para ele agora mesmo.

Ele se levantou e avançou, passando pelo segundo-tenente e ignorando a carga de indulgência que pesava como chumbo na troca de olhares entre os guardas. Quando chegou à mesa, procurou com as mãos torpes por entre os objetos que se encontravam na sua superfície, fazendo tilintar a colherinha dentro do copo, onde os restos de café já haviam desenhado um círculo permanente no fundo. Pegou o celular. Apertou duas teclas e escutou, com os olhos fixos na sargento, que o observava com uma expressão abatida.

Manuel esperou até a ligação cair na caixa postal.

— Ele deve estar na reunião, por isso não atende — tentou explicar.

A sargento se levantou.

— Seu nome é Manuel, certo?

Ele assentiu como se aceitasse um fardo.

— Manuel, venha aqui, sente-se ao meu lado, por favor.

Ele voltou ao sofá, com o telefone ainda nas mãos, e fez o que ela pedia.

— Manuel, eu também sou casada — disse ela, dirigindo um breve olhar ao ouro já desbotado de sua aliança —, e sei, por experiência, especialmente por conta do meu trabalho, que nunca temos certeza absoluta do que nosso companheiro está fazendo. Isso é algo com que temos que aprender a viver, sem nos torturarmos a cada segundo com essa incerteza. Certamente haveria uma razão para que seu marido estivesse em Lugo, e para que não lhe houvesse dito nada, mas nós temos toda a certeza de que é Álvaro. Se ninguém atendeu o celular é porque está sob a custódia de nossos colegas de Monforte. O corpo de seu marido foi transferido para o Instituto Médico-Legal do hospital de Lugo. Além disso, temos a identificação positiva de um parente. Sem sombra de dúvida, trata-se de Álvaro Muñiz de Dávila, de quarenta e quatro anos.

Manuel negava com a cabeça cada um dos argumentos da sargento Acosta enquanto atribuíam seu erro em relação a Álvaro ao brilho apagado daquela aliança que a obrigava a estabelecer dogmas sobre as relações conjugais. Havia passado apenas algumas horas desde a última vez que falara com Álvaro, e ele estava em Barcelona, não em Lugo. Que diabos Álvaro estaria fazendo em Lugo? Manuel conhecia seu marido, sabia onde estava, e definitivamente não era em uma maldita estrada de Lugo. Odiava dogmas sobre relacionamentos, odiava dogmas sobre todas as coisas e estava começando a odiar aquela sargento espertinha.

— Álvaro não tem família — rebateu.

— Manuel...

— Bem, imagino que ele deva ter uma família como todo mundo, mas não mantém nenhum tipo de contato com nenhum parente, relação zero. Já era assim desde muito antes de Álvaro e eu nos conhecermos, quando ele era muito jovem e se tornou independente. Vocês estão enganados.

— Manuel, seu nome e seu número de telefone apareciam como contato Aa no celular de seu marido — explicou ela, paciente.

— Contato Aa... — murmurou ele.

Ele recordava, era assim há anos. O contato Aa – “Avisar a” – era uma recomendação feita pelo departamento de trânsito para determinar quem deveria ser avisado em caso de acidente. Ele entrou na agenda de seu celular e viu seu próprio Aa: Álvaro. Ficou alguns segundos repassando cada letra que compunha o nome dele enquanto sentia seu olhar se ofuscar pelo peso

das lágrimas que começavam a brotar em seus olhos. Então, chegou outro salva-vidas.

— Mas ninguém me ligou... Tinham de me ligar, não é mesmo?

O segundo-tenente pareceu quase satisfeito por poder tomar a palavra.

— Até dois anos atrás faziam isso, avisavam por telefone a pessoa indicada. E se não houvesse uma ligavam para o contato “casa” ou “pais” e davam a notícia. Mas era sempre muito traumático, e em mais de uma ocasião essas ligações provocaram ataques cardíacos, acidentes ou outras reações indesejadas. Tentamos melhorar. Agora, o protocolo exige uma identificação positiva, avisa-se a delegacia mais próxima do domicílio do finado e dois guardas se dirigem ao local. Um é sempre membro do alto comando, como neste caso, e a notícia é comunicada pessoalmente ou então o parente acompanha a polícia na identificação.

Então, toda aquela encenação pedindo que ele se sentasse não passava de um protocolo estabelecido para dar a pior notícia do mundo. Um protocolo que só dois dos três presentes conheciam, e para o qual – agora ele sabia – não cabia recurso algum.

Durante alguns segundos ficaram imóveis e em silêncio, até que o segundo-tenente fez um gesto premente à mulher.

— Talvez queira ligar para algum parente ou amigo para que o acompanhe... — sugeriu ela.

Manuel a fitou, aturdido. Mal ouvia suas palavras. Era como se ela falasse de outra dimensão ou debaixo d’água.

— O que tenho que fazer agora? — perguntou.

— Como eu disse, o corpo permanece no IML do hospital de Lugo. Lá eles lhe indicarão os próximos passos e lhe entregarão o corpo para que o possa enterrar.

Fingindo uma firmeza que não possuía em absoluto, Manuel se levantou e se dirigiu à entrada, forçando os agentes a saírem enquanto prometia que ligaria para sua irmã assim que fossem embora. Ciente de que se quisesse se livrar dos guardas tinha que parecer sereno, trocou um aperto de mão com cada um deles, mas sentiu o olhar escrutador de ambos, que não combinava com os gestos amáveis com que se despediam. Agradeceu mais uma vez e fechou a porta.

Esperou alguns segundos apoiado na madeira quente, certo de que eles também escutavam do lado de fora. Observou daquele ângulo – no qual provavelmente nunca havia parado o suficiente – como o pequeno corredor se abria para a sala, como se fosse um ramalhete apertado nos caules que explodia de luz na outra ponta. O lar que compartilhava com Álvaro havia quinze anos, visto daquele observatório ignorado de sua própria casa, lhe pareceu imenso. A luz que entrava em caudais pela janela borrava os contornos dos móveis, liquefazendo sua brancura até diluí-los com as paredes e o teto. Nesse instante, aquele território amado, conhecido, deixou de ser seu lar e se transformou em um oceano de sol gelado, uma infernal noite islandesa que o fez se sentir órfão de novo, como naquela outra noite no hospital.

Ligar para minha irmã, sorriu amargamente ao pensar nisso. Quem dera pudesse fazê-lo. Sentiu o mal-estar escalando seu peito como um animal quente e indesejável tentando se acomodar em seu regaço, e seus olhos se encheram de lágrimas ao notar que as duas únicas pessoas para quem gostaria de ligar estavam mortas.

Segurando a vontade de chorar, voltou à sala, sentou-se no mesmo lugar que havia ocupado antes e pegou o telefone na mesinha. Ao acender a tela, o nome de Álvaro apareceu como opção de chamada. Fitou-o durante alguns instantes, suspirou e procurou outro nome na agenda.

A voz feminina e doce de Mei atendeu do outro lado. Mei Liu era secretária de Álvaro havia mais de dez anos.

— Ah, olá, Manuel, como vai? Como vai seu último livro? Já estou roendo as unhas de impaciência. Álvaro me disse que será incrível...

— Mei — ele interrompeu a ladainha —, onde está Álvaro?

Do outro lado da linha fez-se silêncio durante alguns segundos, e Manuel soube que ela ia mentir. Ele até teve um desses flashes de clarividência em que a pessoa é capaz de ver por um instante a trama que move o mundo e que, piedosamente, permanece oculta dos nossos olhos durante quase a vida toda.

— Álvaro? Ora, ele está em Barcelona.

— Não minta, Mei — pediu ele de maneira rude, mas quase sussurrando.

O silêncio na linha deu-lhe a certeza do tormento dela e do modo como aproveitava a pausa para desesperadamente encontrar um subterfúgio que lhe proporcionasse mais alguns segundos para pensar.

— Não estou mentindo, Manuel. Por que mentiria?

Sua voz estava mais aguda, como se estivesse prestes a chorar. Desculpas, perguntas... todas as evasivas possíveis para evitar uma resposta direta.

— Ele está... está em Barcelona, na reunião com os diretores daquela rede hoteleira catalã.

Manuel apertou o telefone na mão até que os nós de seus dedos ficaram brancos; fechou os olhos e, com grande esforço, controlou o desejo de jogá-lo longe, de destruí-lo, de quebrá-lo em mil pedaços e calar as mentiras que chegavam a ele através daquela linha. Finalmente falou, tentando controlar o tom o suficiente para não ceder ao desejo de gritar.

— Dois guardas civis acabaram de sair de minha casa depois de me dizerem que Álvaro não estava em Barcelona, que morreu ontem à noite em um acidente de trânsito e que agora está no IML de Lugo. De modo que, de uma vez por todas, diga, porque sei que é impossível que você não saiba: onde Álvaro estava? — disse, arrastando as sílabas de cada palavra, sussurrando-as para conter sua ira.

A voz da mulher se transformou em um gemido que mal lhe permitia distinguir o que ela estava dizendo.

— Sinto muito, Manuel, sinto muito.

Ele desligou, e Mei, que poderia ter sido o terceiro salva-vidas, nunca chegou a sê-lo.

O SOL ISLANDÊS

A sala de espera cheirava a tristeza. Duas fileiras de cadeiras de plástico, uma de frente para a outra, mal davam lugar a um estreito espaço comum onde os hálitos e a turva animosidade corporal flutuavam em uma nuvem de vapor malcheiroso que borrava o rosto sofrido dos que esperavam. Constatando, Manuel se voltou outra vez para o corredor, e o vigia, que o seguia com o olhar por detrás de seu balcão, assentiu, indicando-lhe novamente que era ali que devia esperar. Descartou a ideia de atravessar o espaço estreito até o único assento livre, o que teria representado contornar joelhos e pés dos que esperavam e murmurar um rosário de desculpas para avançar por entre aqueles ossos. Optou por ficar em pé e, para não ser o foco dos olhares, apoiou-se na parede, suficientemente perto da entrada para assegurar uma porção de ar respirável – mesmo que tivesse que pagar o preço de continuar sob o controle da norma austera do vigia.

Como se fosse uma extensão daquela sala, o céu de Lugo o havia recebido velado como água clorada. Uma fria acolhida acompanhada pelos escassos vinte graus que, em contraste com o calor abafado e a luz ofuscante dos primeiros dias de setembro em Madri, pareceu-lhe quase orquestrada, como um recurso literário destinado a criar um ambiente opressivo e deprimente.

Lugo não tinha aeroporto. Ele havia contemplado a possibilidade de ir de avião até o aeroporto mais próximo, em Santiago de Compostela, e depois alugar um carro para chegar até lá. Mas aquilo que estava dentro dele, que ainda não era capaz de nomear, não podia esperar as duas horas que faltavam até o próximo voo, e não cabia na cabine de um avião.

O mais difícil havia sido abrir o guarda-roupa e pegar dentre as roupas de ambos uma pequena mochila, na qual tinha metido às pressas o que

julgava imprescindível. Ou, ao menos, foi o que acreditou naquele momento; mais tarde, percebeu que na fuga havia pegado meia dúzia de peças inúteis e esquecido quase todo o necessário. A sensação de fuga aumentaria ao rememorar mentalmente seus últimos minutos em casa. A rápida consulta aos voos que saíam de Madri, a mochila arrumada com pressa e a recusa em dedicar um olhar à foto de ambos que descansava sobre a cômoda e cuja imagem agora não conseguia tirar da cabeça. Um amigo em comum a havia tirado em um dia de pescaria, no verão anterior. Manuel contemplava, distraído, a superfície prateada do mar; Álvaro, mais jovem, magro, cabelos trigueiros clareados pelo sol, olhava para ele e sorria com aquele seu característico sorriso, secreto e pequeno. Álvaro a havia emoldurado, mas Manuel não gostava dela. Diante daquela imagem ele tinha a sensação de estar, como sempre, distraído demais, de ter perdido um momento lindo e cheio de significado que nunca mais poderia recuperar. Aquele pequeno instante que a câmera havia captado constatava sua suspeita de nunca haver estado totalmente presente em sua própria vida, o que nesse dia era quase uma sentença.

A imobilidade da espera naquela sala dava-lhe a impressão de uma freada brusca em contraste com a pressa com que havia se atirado na estrada, como se um minuto a mais ou um minuto a menos pudesse mudar o fato de que Álvaro estava morto. Havia percorrido a casa como em sonhos, detendo o olhar em cada aposento, em uma rápida constatação da presença das coisas que haviam sido de Álvaro e que, de algum modo, eram ele; seus livros de fotografia, seus cadernos de desenho em cima da mesa, a velha blusa de lã pendurada no encosto de uma cadeira, que ele usava para ficar em casa e se recusava a jogar fora apesar da cor desbotada e do fato de estar desgastada nos punhos. Contemplara cada objeto quase com estranheza pelo fato de continuarem ali, agora que Álvaro já não estava, como se fosse admissível que, à falta dele, deixassem de existir ou evaporassem. Dera uma olhada rápida na superfície de sua própria mesa, arrastando, em um ato reflexo, sua carteira, o celular e o carregador. Talvez o mais surpreendente fosse a certeza de que não havia salvado *Sol de Tebas* e o trabalho daquela manhã – aquela que pensara que estava indo bem. A seguir, o peso sinistro de introduzir o nome daquela fatídica

cidade no navegador de seu carro. Percorreu quase quinhentos quilômetros de silêncio em apenas quatro horas e meia, sendo interrompido somente pelas insistentes ligações de Mei, que ele não havia atendido. Nem sequer tinha certeza de ter apagado todas as luzes.

Escutou, perturbado, o pranto de um homem. Escondia o rosto no pescoço de uma mulher que devia ser sua esposa e sussurrava palavras ininteligíveis. Observou o gesto cansado com que a mulher acariciava a nuca dele e os olhares de alguns dos presentes naquela sala, que, apertando os lábios, respiravam fundo, suspirando, como crianças segurando a dor.

Ele não havia chorado; não sabia se isso era normal ou não. Houvera um instante, quando os guardas foram embora, em que quase chorara, ao ver as linhas que haviam configurado os limites de seu lar se borrarem diante de seus pávidos olhos. Mas precisava de calor para chorar, ou pelo menos algum tipo de paixão; o frio ártico que havia inundado sua casa havia congelado parcialmente seu coração. Teria desejado que o congelasse por inteiro, que o fantasma glacial que havia invadido seu lar houvesse sido capaz de quebrar, em seu avanço, as fibras do músculo duvidosamente útil que batia em seu peito. Em vez disso, havia substituído o fluxo de seu sangue por uma espécie de letargia química sob a qual ainda era capaz de ouvir o sorver lento em que suas batidas haviam se transformado; um miserável fio de vida cheio de mesquinha pelo qual, nesse momento, navegavam mais dúvidas que certezas.

Dois homens em ternos impecavelmente cortados aguardavam no balcão. Observou que um deles ficava alguns passos para trás enquanto o outro murmurava algumas palavras em uma voz tão baixa que obrigou o vigia a se inclinar para a frente para ouvi-lo. Logo assentiu, e sem disfarçar seu interesse pelos visitantes, indicou a sala de espera.

O homem que havia perguntado algo ao vigia trocou algumas palavras rápidas com o outro e, então, ambos se dirigiram à sala.

— Manuel Ortigosa?

O tom educado e os ternos caros chamaram a atenção de todos que esperavam na sala. Manuel assentiu, pensando que estavam bem-vestidos demais para serem médicos ou policiais.

O homem que havia falado estendeu-lhe a mão.

— Sou Eugenio Doval, e este é Adolfo Griñán — disse.

Este último também lhe estendeu a mão e tomou a palavra:

— Podemos conversar um instante?

A apresentação não esclareceu muito além de ratificar que, como ele havia suspeitado, os dois homens não eram médicos. Manuel fez um gesto indicando a sala e seus ocupantes, convidando-os a entrar.

Ignorando o atrevimento dos olhares, Griñán elevou a vista acima da nuvem vaporosa, até detê-la em uma mancha amarela de bordas escuras que ocupava boa parte do teto.

— Pelo amor de Deus, aqui não! Lamentamos não termos chegado antes e que tenha sido obrigado a passar por isso sozinho. Tem alguém acompanhando você? — perguntou. Entretanto, depois do rápido exame que fez aos lúgubres ocupantes do local, pareceu se convencer de que não.

Manuel negou com a cabeça.

Griñán tornou a dirigir um olhar à mancha do teto.

— Vamos sair.

— Mas disseram que eu tinha que esperar aqui — falou Manuel.

— Não se preocupe com isso, ficaremos aqui perto, e talvez sejamos capazes de informá-lo de alguns aspectos que você deve conhecer — disse Doval, tranquilizando-o.

A promessa de respostas venceu sua relutância e Manuel saiu da sala atrás deles, sentindo os olhares úmidos daquelas pessoas escorrerem por suas costas, enquanto se perguntava quem diabos eram aqueles dois homens. Como por um acordo tácito, caminharam em silêncio, passando pelo vigia, que continuava sem tirar olho deles, até alcançar o final do corredor, onde o espaço se abria em um vão onde haviam embutido uma máquina de refrigerantes e outra de café. Doval fez um gesto indicando aquelas presenças luminosas.

— Quer beber alguma coisa?

Manuel negou com a cabeça, voltando-se intranquilo para a sala.

O homem chamado Griñán postou-se diante dele.

— Sou tabelião, cuidava dos assuntos de seu marido; além disso, sou seu testamenteiro — disse, olhando gravemente para Manuel como se acabasse de recitar suas honrarias de guerra.

Manuel ficou desconcertado. Durante alguns segundos, estudou o homem, que continuava o observando, impávido. Então, dirigiu seu olhar a Doval, esperando encontrar nele uma resposta ou, talvez, um quê de deboche que deixasse evidente que estava sendo vítima de uma brincadeira.

— Eu sei que tudo isso é uma surpresa para o senhor — disse Griñán. — Como responsável pela gestão patrimonial de Dom Álvaro, estou a par das circunstâncias do relacionamento de vocês.

— O que quer dizer? — perguntou Manuel, desconfiado.

O tabelião aceitou seu receio com paciência.

— Sei que eram casados há vários anos e que têm muitos mais anos de convivência. O que eu quero dizer é que estou ciente de que tudo que tenho que lhe explicar agora é novo para o senhor.

Manuel suspirou e cruzou os braços, em clara postura de defesa. Aquele não era seu melhor dia, longe disso. Ele havia perdido a pouca paciência que poderia lhe restar depois de receber a notícia da morte de Álvaro durante a conversa com Mei, mas estava disposto a um armistício com qualquer um que pudesse esclarecer a razão pela qual seu marido jazia morto sobre a mesa metálica do IML de um lugar longe da civilização. Girou um instante para olhar para o balcão, na direção do vigia, que continuava espiando de longe, e de novo para os dois homens.

— Pode me dizer o que Álvaro estava fazendo aqui? O que ele estava fazendo nessa estrada de madrugada? Pode responder a isso?

Griñán olhou brevemente para Doval, que, sério, deu um passo para se colocar ao seu lado.

— Álvaro estava aqui porque este é o lugar onde ele nasceu, e aqui fica a casa de sua família. Não sei aonde ele se dirigia quando sofreu o acidente, mas, como a Guarda Civil já deve ter lhe falado, não parece que haja nenhum outro veículo envolvido, e tudo indica que ele deve ter adormecido ao volante. É uma pena. Quarenta e quatro anos, a vida toda pela frente; era um homem encantador, e eu o apreciava demais.

Então, Manuel recordou vagamente de ter lido, no documento de identidade de Álvaro, seu local de nascimento. Um lugar com o qual jamais tivera vínculo algum. Não se lembrava de ele já ter se referido ao local. Mas por que o faria? Quando se conheceram, ele deixara claro que sua família

não aceitava sua condição de homossexual, e desde que chegara a Madri e começara a viver sua liberdade, rompera todas as ligações com o passado, como tantos outros também faziam.

— Mas ele deveria estar em Barcelona. O que estava fazendo aqui? Até onde sei, ele não se relacionava com a família há anos.

— Até onde você sabe... — murmurou Griñán.

— O que significa isso? — perguntou o escritor, ofendido.

— Veja, Manuel... posso chamá-lo de Manuel? Eu sempre aconselho meus clientes a serem sinceros, especialmente com seus cônjuges; afinal de contas, é com eles que compartilharão a vida e são eles que terão que lidar com o sofrimento da morte. O caso de Álvaro não foi uma exceção, mas quem sou eu para julgar as razões e os motivos que o levaram a agir como agiu. Assumo minha condição de mensageiro e sei que o fato de ser portador da informação que tenho para lhe dar não vai me trazer suas simpatias; mas esse é meu trabalho. E eu me comprometi com Álvaro e vou cumpri-lo até o final. — Fez uma pausa dramática e prosseguiu: — Álvaro Muñiz de Dávila era marquês de Santo Tomé há três anos, quando seu pai, o marquês anterior, faleceu. Esse marquesado é um dos títulos mais antigos da Galícia. O paço de sua família fica a poucos quilômetros do local onde ocorreu o acidente. E, embora eu não soubesse que ele estava por aqui dessa vez, posso lhe assegurar que nos visitava com assiduidade para cuidar de suas obrigações.

Manuel, que havia escutado cada palavra alucinado, não pôde evitar uma careta irônica ao dizer:

— Está tirando um sarro com a minha cara.

— Eu lhe asseguro que cada palavra que disse é verdade, e lhe apresentarei provas de tudo de que você possa vir a duvidar.

Manuel se voltou, nervoso; olhou para o vigia e de novo para Griñán.

— Então, está me dizendo que meu marido era um nobre, como disse, um marquês? Com propriedades, paços e uma família de quem nunca ouvi falar? Só falta agora você me dizer que ele tinha mulher e filhos — disse, irônico.

O homem ergueu as mãos, indignado.

— Não, pelo amor de Deus! Como eu disse, Álvaro herdou o título de seu pai quando este faleceu, há três anos. Foi então que eu o conheci, quando ele

começou a cuidar dos assuntos da família. Precisa entender que um título de nobreza é uma obrigação que deve ser atendida, e Álvaro a atendeu.

Manuel estava com o cenho franzido. Notou isso quando levou a ponta dos dedos, gelados, ao centro da testa com a intenção de mitigar a incipiente dor de cabeça que estava começando a martelar atrás de seus olhos e se espalhava pelo crânio como lava quente.

— Os guardas civis me disseram que um familiar reconheceu o cadáver.

— Sim, foi seu irmão Santiago, o do meio. Álvaro era o mais velho. Francisco, o mais novo, faleceu pouco depois do pai; caiu em depressão e, pelo visto, tinha problemas com drogas; uma overdose. O azar golpeou duramente essa família nos últimos anos. A mãe ainda vive, mas está em estado muito delicado.

A dor de cabeça só aumentava.

— É incrível... como é possível que ele tenha escondido tudo isso de mim durante tanto tempo? — sussurrou Manuel, sem se dirigir a ninguém especificamente.

Doval e Griñán se entreolharam, aflitos.

— Não posso lhe ajudar nesse ponto; não sei dizer por que Álvaro decidiu agir desse modo, mas ele deixou disposições bem claras sobre o que deveria ser feito se ele falecesse, como infelizmente aconteceu.

— O que quer dizer com isso? Está insinuando que, de algum modo, Álvaro achava que ia morrer? Por favor, seja claro comigo. Você precisa entender minha situação: acabei de saber que meu marido, que acabou de falecer, tinha uma família que eu não conhecia. Não estou entendendo nada.

Griñán assentiu, pesaroso.

— Eu entendo, Manuel, deve ser terrível para você. O que estou dizendo é apenas que existe um testamento no qual está regulamentada sua última vontade, algo comum para alguém na posição dele, ele agiu por segurança. Redigimos o primeiro testamento quando ele assumiu suas obrigações, e nestes anos o documento foi modificado em várias ocasiões em função de suas circunstâncias patrimoniais. Álvaro especificou outros detalhes relativos ao que desejava que fosse feito depois de sua morte. Obviamente a leitura do testamento será feita quando chegar a hora, mas ele deixou disposto que vinte e quatro horas após seu falecimento fosse lida

uma carta com seus últimos desejos, o que, se me permite dizer, facilita muito as coisas para os herdeiros e familiares, uma vez que nessa leitura prévia todos acabam tendo conhecimento de suas disposições antes de o testamento se tornar público, o que, segundo a cláusula que o acompanha, acontecerá daqui a três meses.

Manuel baixou o olhar em um gesto que era uma mistura de desconcerto e impotência.

— Nós tomamos a permissão de reservar um quarto para você em um hotel da cidade; imagino que ainda não teve tempo para fazer isso. Convoquei toda a família para comparecer amanhã de manhã em meu escritório para a leitura desse documento. Enviaremos um carro para pegá-lo no hotel. O enterro será depois de amanhã no cemitério familiar do paço As Grileiras.

Sua cabeça parecia que ia explodir.

— Como assim, enterro? Quem decidiu isso? Ninguém me perguntou nada. Eu tenho o direito de me manifestar a respeito, não? — disse ele, levantando um pouco a voz, sem se importar com que o vigia o ouvisse.

— É tradição da família... — Doval começou a explicar.

— Que se foda a tradição, quem eles pensam que são? Eu sou o marido dele.

— Senhor Ortigosa — interrompeu Griñán —, Manuel — disse, conciliador —, essa é uma de suas disposições; era desejo de Álvaro ser enterrado no cemitério de sua família.

As portas de vaivém, que haviam permanecido fechadas atrás de Griñán e seu secretário, abriram-se de modo quase violento, fazendo com que os homens se voltassem para olhar. De novo, dois guardas civis. Dessa vez, dois homens. Um era apenas um rapaz, e o outro já passava dos cinquenta. O jovem, muito magro; o mais velho poderia muito bem ser a paródia de um guarda civil. Mal chegava ao metro e sessenta e cinco – talvez reminiscência de outros tempos em que a benemérita não era tão exigente com a altura de seus membros; embora ele também duvidasse que a barriga proeminente que o homem escondia a duras penas sob a marcial presença do uniforme perfeitamente passado lhe houvesse permitido, nos dias atuais, passar nas duras provas de acesso à Academia de Úbeda. Para arrematar, tinha sobre o lábio superior um bigode no qual começavam a se apreciar inúmeros fios brancos, assim como nas têmporas e nas costeletas, provavelmente

aparadas à navalha por um barbeiro que não renovava seu mostruário de cortes fazia muito tempo.

O homem dirigiu um olhar de desdém aos caros ternos de Doval e Griñán, e, em vez de perguntar, quase afirmou:

— Tenente Nogueira, Guarda Civil. Familiares de Álvaro Muñiz de Dávila?

— Somos seus representantes legais — informou Griñán, estendendo uma mão que o guarda ignorou. — Manuel Ortigosa — disse, indicando com a mesma mão — é o marido dele.

O guarda não reprimiu sua expressão de estranheza.

— Marido do... — disse, levantando o polegar sobre o ombro e apontando para um lugar hipotético às suas costas.

Dedicou um olhar enojado ao outro guarda, que, ocupado procurando uma página limpa em sua cadernetinha, não lhe deu o respaldo desejado.

Mas isso não pareceu afetar seu ânimo.

— Era só o que me faltava — rosnou.

— Algum problema com isso? — perguntou Manuel, erguendo o queixo.

Em vez de responder, o guarda buscou de novo a cumplicidade de seu parceiro, que dessa vez deu de ombros, sem entender muito bem o que estava acontecendo.

— Fique calmo, o único que tem problemas aqui é aquele que está na mesa da legista — disse, provocando o desgosto dos advogados e fazendo que o olhar de Manuel se cravasse ainda mais no seu. — Preciso lhe fazer algumas perguntas.

Manuel assentiu.

— Quando foi a última vez que o viu?

— Anteontem, no fim da tarde, quando ele saiu para viajar. Moramos em Madri.

— Em Madri... — repetiu o tenente, certificando-se de que o jovem anotasse tudo.

— Quando foi a última vez que falou com ele?

— Ontem à noite. Ele me ligou por volta da uma hora e conversamos durante dez ou quinze minutos.

— Ontem... ontem à noite... Ele disse onde estava ou aonde ia?

Manuel demorou alguns segundos para responder.

— Não. Eu nem ao menos sabia que ele estava aqui. Supostamente Álvaro estava em Barcelona, para uma reunião com um cliente. Ele é... era publicitário, havia criado uma campanha para uma rede de hotéis e...

— Com um cliente.

O modo monótono como o guarda repetia algumas de suas palavras pareceu-lhe feroz e insultante; mas, de algum modo, ele entendia que isso não se devia tanto ao tom debochado do homem, mas à declarada crueldade da prova que deixava evidente que Manuel havia sido enganado.

— Sobre o que falaram? Consegue se lembrar o que ele falou?

— Nada especificamente, ele disse que estava muito cansado e que queria voltar para casa...

— Notou se estava especialmente nervoso, irritado, aborrecido?

— Não, só cansado...

— Ele disse se havia discutido com alguém?

— Não.

— Seu... marido... tinha inimigos, alguém que quisesse se vingar dele?

Manuel olhou desconcertado para os advogados antes de responder.

— Não. Não sei. Não que eu saiba. Por que essa pergunta? — respondeu, extenuado.

— Não que ele saiba... — repetiu o tenente.

— Não vai me dizer nada? Por que pergunta sobre inimigos? Por acaso acha que...

— Alguém pode comprovar que o senhor realmente estava em Madri ontem, à uma da madrugada?

— Eu já disse que vivia com Álvaro, e supostamente ele estava em Barcelona. Morávamos só nós dois, e ontem não saí nem estive com ninguém. De modo que não, não posso provar que estava em Madri. Mas seus colegas poderão lhe dizer que eu estava em casa pela manhã, quando eles foram me dar a notícia. Para quê tudo isso?

— Hoje em dia, podemos estabelecer a localização de um telefone no momento em que faz uma chamada a outro, com uma margem de erro de mais ou menos cem metros, sabia?

— Que ótimo. Mas não entendo do que se trata. Pode me dizer o que está acontecendo? Seus colegas me disseram que Álvaro dormiu ao

volante, que saiu da estrada em uma reta e que nenhum outro veículo estava envolvido.

Seu tom beirava o desespero; a recusa do homem em responder com algo além de novas perguntas o enlouquecia.

— Como ganha a vida?

— Sou escritor — respondeu, cansado.

O guarda inclinou a cabeça para o lado e sorriu levemente.

— Um belo hobby. E como ganha a vida?

— Acabei de dizer que sou escritor — insistiu ele, perdendo a paciência.

Aquele sujeito era um idiota.

— Escritor... — repetiu. — Qual é a cor e o modelo do seu carro, senhor?

— É um BMW azul. Vai me dizer se há algo suspeito na morte de meu marido?

O guarda esperou que o rapaz acabasse de fazer a última anotação antes de responder.

— Quando alguém falece em um acidente de trânsito, o juiz decreta a liberação do corpo no mesmo lugar, não se faz autópsia. A menos que existam indícios suficientes para suspeitar de outras causas. A parte traseira do carro de seu... marido — suspirou — apresenta um pequeno amassado recente, com transferência de tinta de outro veículo, e...

As portas de vaivém se abriram atrás dele e outro guarda uniformizado irrompeu, paralisando sua exposição.

— O que está fazendo, Nogueira?

Os dois guardas civis se ergueram perceptivelmente.

— Meu capitão, Manuel Ortigosa é parente do falecido, acabou de chegar de Madri. Eu estava tomando sua declaração.

O recém-chegado avançou um passo, ultrapassando os dois guardas, e estendeu uma mão firme diante de Manuel.

— Senhor Ortigosa, lamento sua perda e o incômodo que o tenente Nogueira possa ter lhe causado com sua precipitação — disse, dedicando ao guarda um rápido olhar cheio de censura. — Como meus colegas lhe informaram anteriormente, não há dúvida alguma de que o falecimento de seu marido foi acidental, e não houve nenhum outro veículo envolvido.

Embora o outro estivesse parcialmente oculto pela larga figura de seu superior, Manuel pôde ver a expressão de contrariedade que surgia sob o bigode de Nogueira.

— Mas o tenente acabou de dizer que se não houvesse nada suspeito não o teriam trazido para cá...

— O tenente chegou a uma conclusão equivocada — disse o capitão, sem se dignar sequer a olhar para o aludido homem dessa vez. — Ele foi trazido para cá por deferência à sua posição e à sua família; uma família muito conhecida e apreciada em toda a comarca — explicou o homem.

— Vão fazer autópsia nele?

— Não será necessário.

— Posso vê-lo? — rogou Manuel.

— Claro, eu o acompanharei — disse o capitão.

Pousando a mão em seu ombro e empurrando-o levemente, guiou-o em direção às portas de vaivém, passando entre os quatro homens.

O quarto do hotel era branco. Meia dúzia de travesseiros cobriam a cama quase até a metade. Toda a variada coleção de luzes spot, zenitais e de ambiente estavam acesas, fazendo a cama brilhar e provocando uma sensação parecida com uma miragem – uma extensão dolorosa do sol islandês que havia tomado conta de sua casa pela manhã, acompanhando-o, ofuscante, durante os quase quinhentos quilômetros até Lugo. Nessa cidade, o céu turvo havia dado uma trégua a seus olhos e à sensação de estar vendo o mundo através de um prisma de centenas de faces, todas difusas, todas falsas, característica de uma enxaqueca.

Ele apagou quase todas as luzes, tirou os sapatos, e depois de inspecionar o pobre frigobar, pediu ao serviço de quarto uma garrafa de uísque. Notou o tom de contrariedade do garçom quando recusou sua sugestão de acompanhar a garrafa com algo sólido para comer, e a expressão com que o homem inspecionou o quarto por cima de seu ombro quando foi levar o uísque, com o olho treinado de quem sabe que um cliente vai dar problemas.

A incansável ladainha de Griñán, tentando inutilmente compensar todas as lacunas, todas as carências, tudo o que deveria saber e Álvaro não

lhe havia contado, prosseguira durante o trajeto em que o testamenteiro havia insistido em acompanhá-lo entre o hospital e o hotel. Havia guiado seus passos até a recepção, onde Doval, que já havia cuidado de tudo, os esperava. Ainda se demoraram um pouco em frente aos elevadores, até que, de súbito, Griñán parecera tomar consciência de que Manuel devia estar cansado e que certamente gostaria de ficar sozinho.

Manuel se serviu de uma dose dupla do líquido âmbar e foi até a cama, arrastando os pés. Sem desfazê-la, ajeitou todos os travesseiros, formando um grosso encosto, recostou-se neles e bebeu o conteúdo do copo em dois goles, como se fosse um remédio. Levantou-se, foi de novo até a mesa e se serviu de mais uma dose. Antes de voltar à cama, pensou melhor e levou também a garrafa. Fechou os olhos e praguejou. Ainda com as pálpebras apertadas, continuava notando aquele maldito sol noturno, a marca de uma queimadura na retina, brilhante e difusa como a presença de um ectoplasma indesejável.

Sua mente se debatia entre a necessidade de pensar e a firme decisão de não o fazer. Encheu o copo e o esvaziou com tanta rapidez que sentiu engulhos, e foi a duras penas que conseguiu controlá-los. Fechou os olhos e viu, aliviado, que o fulgor solar estava começando a desaparecer. Em contrapartida, o eco de todas as conversas mantidas durante aquele dia voltou à sua cabeça, mesclado com recordações reais e outras que iam se formando à medida que dezenas de pequenos detalhes sem importância, que antes ele havia ignorado – ou talvez não –, agora ganhavam sentido. Os três anos desde a morte do pai de Álvaro, o falecimento de seu irmão mais novo poucos dias depois...

Houve um setembro, três anos atrás, quando ele achara que seu mundo ia acabar, e quase teve certeza de que havia perdido Álvaro para sempre. Era capaz de reviver cada minuto com riqueza de detalhes; seu rosto transfigurado, delator de um fardo que pesava como o mundo, e a discordante serenidade com que havia lhe comunicado que teria que viajar por alguns dias. O semblante imperturbável enquanto dobrava cuidadosamente as roupas que ia colocando na mala. “Aonde você vai?” O silêncio diante de cada pergunta, a expressão pesarosa e o olhar distante transpassando a presença do homem com quem compartilhava sua vida. De nada haviam

servido as súplicas, as exigências ou as ameaças. Já na entrada, Álvaro se voltara na direção dele. “Manuel, eu nunca lhe pedi nada, mas agora preciso que confie em mim. Confia?” Ele assentiu com a cabeça, sabendo que estava se precipitando, que não era um sim sem reservas, que não estava sendo totalmente sincero. Mas o que mais podia fazer? O homem que ele amava estava partindo, diluindo-se entre seus dedos como sal molhado. Não havia outra certeza naquele instante, exceto a de saber que nada o seguraria ali, que ele partiria de qualquer maneira e o compromisso de aceitar um trato estabelecia o único vínculo com o qual o podia amarrar, correndo o risco de que a corrente de liberdade e confiança que lhe estendia fosse a única coisa que o continuaria ligando a ele.

Álvaro saíra de casa com uma pequena mala e deixara Manuel mergulhado em uma violenta tempestade de emoções na qual se mesclavam a preocupação, o medo e a certeza de que ele não voltaria. A rememoração doentia de seus atos nos últimos dias buscando o frágil instante em que o equilíbrio havia se rompido, sentindo o peso dos oito anos de diferença entre eles, culpando sua exagerada querência pelos livros e pela vida tranquila que talvez houvesse sido demais para alguém mais jovem, mais bonito, mais... E amaldiçoando a incapacidade que o havia impedido de ver como o mundo ao seu redor desabava. Álvaro ficara fora durante cinco dias de escassas ligações noturnas, apressadas, com explicações evasivas e amparadas na promessa de confiança que havia arrancado de Manuel no último instante.

À incerteza seguiram-se a frustração e a dor, que se alternavam e o arrastavam a um estado de descontrole emocional do qual, depois da morte de sua irmã, Manuel se julgara a salvo para sempre. Na quarta noite ele esperara inconsolável, sem se atrever a largar o celular nem um só instante, já em desespero, naquele ponto em que tudo se dá por perdido e oferecemos o pescoço para acabar com tudo de uma vez.

Ele notara a súplica em sua voz quando atendera a ligação.

— Você disse dois dias... Hoje é o quarto.

Álvaro suspirara antes de responder.

— Aconteceu uma coisa, algo que eu não esperava, e as coisas se complicaram.

Manuel se enchera de coragem e perguntara, sussurrando:

— Álvaro, você vai voltar? Por favor, me diga a verdade.

— Claro que sim.

— Tem certeza? — Ele dobrara sua aposta sabendo que poderia perder tudo e concedera-lhe uma vantagem: — Se é porque somos casados...

Do outro lado da linha, Álvaro inspirara fundo e deixara o ar escapar sonora e lentamente, infinitamente cansado. Ou acaso era irritação? Contrariedade por ser obrigado a enfrentar e resolver algo que lhe era irritante e inoportuno?

— Eu vou voltar porque aí é o meu lugar, porque é o que quero fazer. Eu amo você, Manuel, e é com você que quero ficar. Quero voltar para casa mais que nada neste mundo, e o que está acontecendo não tem nada a ver conosco.

Havia tanto desespero na voz dele que Manuel acreditara.



Planeta